

De genocídio em genocídio

Em seu livro *Exterminate all the Brutes*, palavra de ordem extraída do *Coração das Trevas*, de Joseph Conrad, Nicholas Lezard lembra que os genocídios não começaram com o Holocausto e tampouco se esgotaram com o fim do nazismo. O extermínio de “todos os brutos” foi pedido por *Mister Kurtz*, o mais sinistro personagem conradiano, em relatório à Sociedade Internacional para a Supressão de Costumes Selvagens. Ele tombou nas profundezas da África, na enxurrada de violência que foi a expansão colonial européia, origem dos genocídios, segundo Lezard, e ainda hoje se fala do aparecimento de “réplicas” desse homem “assaltado pelos poderes das trevas”.

A revista *Time* identificou Kurtz num mercenário sérvio no Congo. De novo Kurtz, que pode ser individual ou coletivo, vem à cabeça quando o filho de Pinochet xinga de “animais” as vítimas da ditadura do pai. E Kissinger, cuja responsabilidade na matança no Chile afinal se configura publicamente? Phillip Liechty, do escritório da CIA em Jacarta na época em que a Indonésia ocupou Timor Leste, ex-colônia portuguesa no outro lado do mundo, conta agora que o ex-ditador Suharto teve “sinal verde” do mesmo Kissinger para fazer o que fez. Nos três primeiros meses, massacre de 60 mil timorenses que decidiram resistir quase de mãos abanando, enquanto as tropas invasoras dispunham de ajuda militar americana.

Armas foram usadas contra combatentes e não combatentes. Mataram, ao longo de quase 25 anos, 200 mil, mais ou menos um terço da população de Timor Leste. Genocídio, tanto quanto o extermínio em 1478 dos 80 mil *guanches* das Ilhas Canárias. Ou o martírio dos congolezes quando o Congo estava nas mãos do rei Leopoldo da Bélgica. Curdos, armênios, Holocausto, Ruanda, Burundi, etc. Uma guerra sem fim. “A sombra da CIA cobre assassinatos em várias partes do mundo”, escreveu o *Washington Post* em 1970, quando tentaram seqüestrar e acabaram matando o general René Schneider. Comandante do Exército chileno, ele se opunha a manobras contra Allende.

Um quarto de século depois, em março de 1995, foi descoberto que um oficial do Exército da Guatemala, acusado de torturar e matar um cidadão americano e um chefe

**Teria
Kissinger
alcançado,
como Kurtz,
“alta posição
entre os
demônios da
Terra”?**

guerrilheiro casado com americana, estava na folha de pagamento da CIA. Era a ponta do *iceberg*, içada porque estavam envolvidos não "brutos", na complexa rede de 40 anos de relações entre várias agências dos Estados Unidos e militares guatemaltecos. Essa comunhão está presente no relatório, divulgado há pouco, sobre atrocidades cometidas na guerra civil da Guatemala, iniciada em 1960, seis anos depois do golpe de 1954, o primeiro da Guerra Fria em nosso continente, administrado pela CIA. Eisenhower confessou em suas memórias como operação contra uma "cabeça-de-ponte soviética".

Em quase 40 anos de guerra civil morreram 200 mil guatemaltecos, em sua maioria civis desarmados. Outro genocídio. Existe memorando assinado por Robert Hill, embaixador dos Estados Unidos na Argentina nos anos de chumbo, no qual está a convicção de que Kissinger poderia ter evitado a matança quando conversou com o almirante Cesar Guzetti, novo chanceler argentino, logo depois do golpe de 76. Não quis. Os *National Archives*, da Universidade de Washington, conseguiram documentos mostrando que "as atividades clandestinas dos Estados Unidos na América Latina se tornaram particularmente intensas durante o reinado de Kissinger". Teria ele alcançado, como Kurtz, "alta posição entre os demônios da Terra"?

Com a rebelião em Chiapas os militares mexicanos criaram o Grupo Aeromóvel de Forças Especiais, o Gafe, treinado pelos americanos em operações de combate ao tráfico de drogas. México e Estados Unidos assinaram em 1996 acordo para esse tipo de assistência. Embora as autoridades em Washington garantam que as aulas incluem "componentes substanciais de direitos humanos", o Gafe já foi acusado de torturar e matar. Numa relação de vítimas publicada por *La Jornada*, da capital mexicana, estavam jovens cujos corpos martirizados não deixavam dúvidas sobre o que aconteceu. Sobram Holocaustos, em maior ou menor grau, mas na linha conradiana de que todos os "brutos" devem ser exterminados.